

2. As escolas, os jovens e a pesquisa

Este capítulo explicita as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa de campo. De início, apresento de que forma como foram escolhidas as nove escolas onde foram aplicados os questionários (quatro na cidade do Rio de Janeiro e outras cinco em municípios próximos à Capital), com um breve perfil de cada uma delas, a partir de informações como número de matrículas, equipamentos de que dispõem e formação dos docentes que nelas atuam. Em seguida, é feita uma análise do que dizem quatro estudantes de Ensino Médio Normal / Magistério, alunos das escolas onde esta pesquisa foi realizada, em entrevistas semi-estruturadas, realizadas antes da aplicação dos questionários e que serviram como referência para a construção desse instrumento. Em um terceiro e último momento, há a apresentação do questionário e como foi ele construído, além das informações sobre sua aplicação.

2.1 As escolas

As escolas selecionadas para a aplicação dos questionários foram selecionadas com base em uma lista fornecida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), órgão subordinado ao MEC, a partir de uma consulta específica feita como parte desta pesquisa. Essa lista era um cadastro das escolas de Educação Básica a partir dos níveis de ensino oferecidos e usava como base os dados do Censo Escolar 2009. De acordo com esse material, havia, em 2009, 125 escolas, no Estado do Rio de Janeiro, que ofereciam Ensino Médio Normal / Magistério. Dessas, seis eram municipais, com 660 matrículas, nas cidades de Macaé, Araruama, Cachoeiras de Macacu, Rio Bonito, Armação de Búzios e Rio das Ostras. Outras 22 eram particulares, representando 562 matrículas do Ensino Médio Normal / Magistério em todo o Estado do Rio de Janeiro. O maior número de instituições, 97, era formado por escolas estaduais e concentrava 39.169 matrículas desse segmento. Assim, esse foi o primeiro corte: foram selecionadas somente as escolas estaduais, pelo fato de formarem um universo bem mais representativo, com maior número de matrículas, e porque é da esfera estadual a competência legal de oferecer o Ensino Médio. Além

disso, foram excluídas as outras instituições públicas não estaduais, pois não havia, na cidade do Rio ou no seu entorno, escolas de Ensino Médio Normal nas esferas federal e municipal. Já as particulares não foram incluídas pelo baixo número de matrículas que apresentavam.

Em seguida, decidiu-se que as escolas pesquisadas seriam em maior número da cidade do Rio de Janeiro, para que fosse possível traçar um perfil consistente do município. Dessa maneira, optou-se por aplicar os questionários em quatro das seis escolas de Ensino Médio Normal / Magistério da cidade, aquelas que estavam na lista dos colégios com maior número de matrículas, especialmente no 3º ano, faixa pesquisada nesta tese (veja mais sobre essa escolha no item 2.2). Ao mesmo tempo, era necessário que as instituições estivessem localizadas em bairros distintos, para que tivéssemos alunos com realidades diferentes. A pesquisa foi realizada, então, em escolas dos seguintes bairros: Jardim Botânico, Centro, Madureira e Penha. O Jardim Botânico está localizado na Zona Sul da cidade, região que concentra as classes de maior poder aquisitivo, e seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal¹¹ é de 0,957 – está em 10º no ranking, em comparação entre os 126 bairros do município. Localizado na região central da cidade, o Centro, apesar de possuir um grande número de residências, é um bairro majoritariamente comercial. Seu IDH é 0,894 – o 32º entre todas os bairros da cidade do Rio de Janeiro. Madureira fica na Zona Norte do município, região do Rio de Janeiro com bairros de características distintas, que podem concentrar famílias de classe média alta a outras de baixa renda. Seu IDH é 0,831 - 67º no ranking municipal. A Penha também está localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mas possui IDH mais baixo, 0,804 – o 87º da lista.

Para uma visão mais abrangente e não só restrita à Capital, decidiu-se que outros municípios que também fazem parte da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro seriam pesquisados. Assim, foram selecionadas cinco escolas que

¹¹ O conceito de Desenvolvimento Humano parte do pressuposto de que, para aferir o avanço de uma população, não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. Os dados sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal aqui utilizados estão disponíveis em <http://www.pnud.org.br/publicacoes>, na Tabela 1172 (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, por ordem de IDH, segundo os bairros ou grupo de bairros – 2000). Acesso em 07/01/2011. Eles têm como fonte os dados do Censo Demográfico de 2000 e seu cálculo é obtido pela média aritmética simples de três índices referentes às dimensões de Longevidade, Educação e Renda.

estavam entre aquelas com maior número de matrículas no Ensino Médio Normal da região do entorno da cidade do Rio de Janeiro, e os questionários foram aplicados em instituições de Nilópolis, São Gonçalo, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Belford Roxo. Nilópolis, município que tem hoje 157.483 habitantes¹², possui IDH de 0,79¹³, o 7º do ranking que compara o índice de todos os 91 municípios do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo tem cerca de 999.000 habitantes e seu IDH é 0,78, o 13º da lista de municípios do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu conta com cerca de 795.000 habitantes e tem IDH de 0,76, posicionando em 27º no ranking estadual. Duque de Caxias conta com cerca de 855.000 habitantes e seu IDH é de 0,75 – 32º na lista de cidades fluminenses Já Belford Roxo é um município com cerca de 469.000 habitantes, com IDH 0,74, ocupando a 60ª posição. Comparativamente a essas cidades, o município do Rio de Janeiro cerca de 6.323.037 habitantes e seu IDH é de 0,84, estando em 2º no ranking estadual.

Em seguida, há um mapa do Estado do Rio de Janeiro com a localização de todas as escolas de Ensino Médio Normal que constavam nos dados do Censo Escolar 2009, fornecidos pelo INEP para esta pesquisa. As instituições estão divididas em quatro categorias: escolas estaduais, municipais, particulares e colégios estaduais que fizeram parte desta pesquisa.

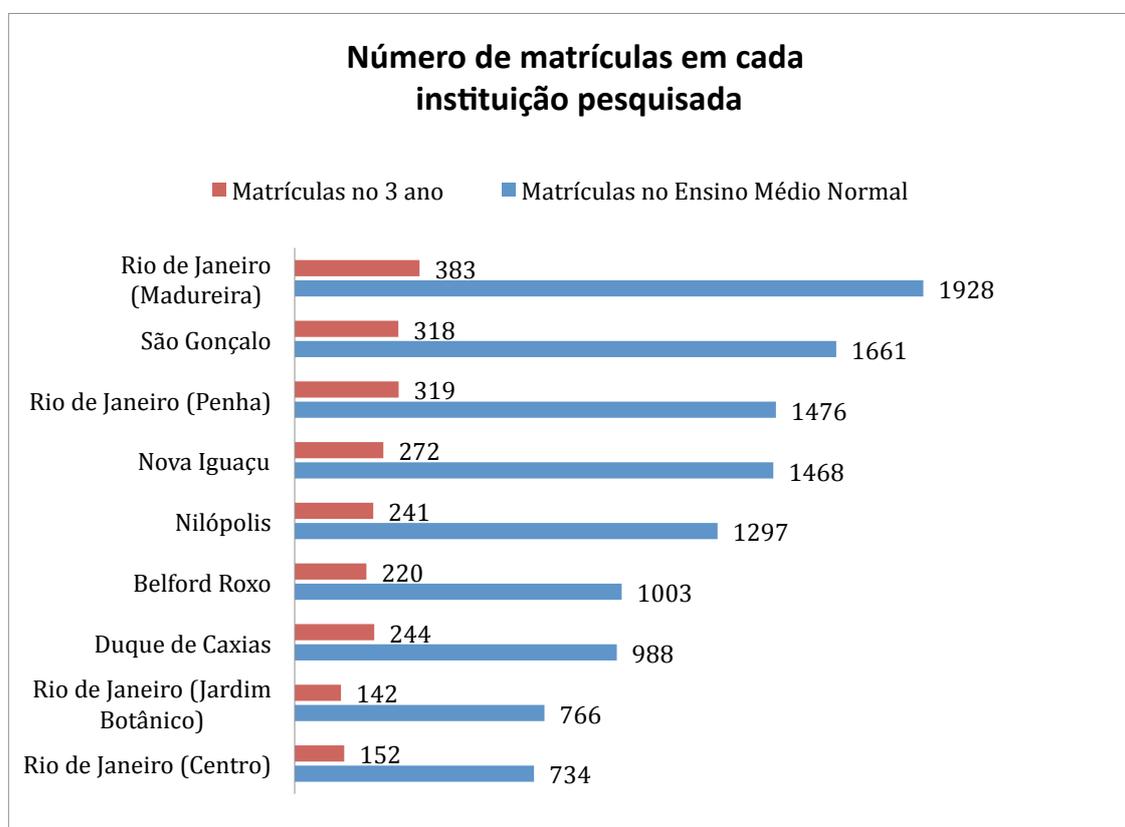
¹² Todos os dados referentes às populações dos municípios do entorno do Rio de Janeiro são baseados nos primeiros resultados do Censo 2010, do IBGE. Disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 07/01/2011.

¹³ Os dados sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro aqui utilizados estão disponíveis em <http://www.pnud.org.br/publicacoes>, na Tabela 1727 (Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro). Acesso em 07/01/2011.

Para preservar as instituições pesquisadas, por razões éticas, não utilizarei seus nomes. Aqui, neste item, as escolas da cidade do Rio de Janeiro serão tratadas pelos nomes dos bairros em que ficam e as que estão localizadas no entorno da Capital, pelos nomes de seus municípios. Essa opção se dá para podermos, inicialmente, traçar o perfil de cada uma delas e ter a dimensão de sua realidade.

O número total de alunos matriculados no Ensino Médio Normal e o de estudantes matriculados no 3º ano de cada instituição, segundo dados do Censo Escolar 2009, segue no quadro abaixo. A partir deles, é possível ter a dimensão do tamanho de cada escola: todas são de grande porte e contam com um número expressivo de discentes.

Quadro 1



Fonte: Censo Escolar 2009 – INEP / MEC

Todos os colégios pesquisados na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os dados do Censo Escolar 2009, possuem biblioteca, laboratório de informática, computador, acesso à internet, televisão, DVD e impressora. Todos possuem também quadra de esportes, com exceção da escola do Jardim Botânico. Apenas uma das escolas, a de Nova Iguaçu, não conta com laboratório de Ciências.

As colocações dessas instituições no ranking do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com base nas notas dos alunos em 2009¹⁴, mostram que, se elas não obtiveram excelentes colocações quando comparadas com as escolas particulares, conseguiram boas posições se considerarmos apenas as escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro. Um exemplo disso é a instituição que fica no Centro do Município do Rio de Janeiro. Sua posição no ranking geral do estado, levando em conta também as escolas particulares, federais e municipais, é a 332^a (considerando só o Estado do Rio de Janeiro, havia 2.823 escolas na lista do Enem 2009). Levando em consideração apenas as instituições estaduais, essa escola sobe para a 6^a posição (são, ao todo, 1.615 escolas estaduais fluminenses). Já o colégio situado no bairro de Madureira obteve a 427^a posição no ranking geral do estado, ficando em 23^o, se considerarmos apenas as instituições estaduais do Rio de Janeiro. Quase todas as escolas da cidade do Rio de Janeiro pesquisadas nesta tese obtiveram melhores colocações que as dos outros municípios da Região Metropolitana no ranking do Enem 2009. Veja a seguir a tabela com as colocações de todas as escolas pesquisadas, levando em consideração as posições obtidas em relação aos colégios de todas as esferas no Estado do Rio de Janeiro e somente em relação às instituições estaduais:

¹⁴ O ranking das escolas a partir das notas de seus alunos no Enem 2009 está disponível no site do INEP – www.inep.gov.br. Acesso em 07/08/2010

Tabela 1

Instituição de Ensino pesquisada	Colocação entre todas as escolas do Estado do Rio de Janeiro	Colocação somente entre as escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro (Centro)	332 ^a	6 ^a
Rio de Janeiro (Madureira)	427 ^a	23 ^a
Rio de Janeiro (Penha)	602 ^a	81 ^a
Nova Iguaçu	687 ^a	122 ^a
Rio de Janeiro (Jardim Botânico)	718 ^a	135 ^a
Duque de Caxias	774 ^a	166 ^a
Nilópolis	858 ^a	221 ^a
São Gonçalo	889 ^a	243 ^a
Belford Roxo	971 ^a	307 ^a

Fonte: Resultado Enem 2009 - INEP / MEC

Considerando apenas as escolas estaduais dos seus municípios, todas as instituições de ensino pesquisadas nas demais cidades ficam entre as cinco primeiras colocadas no ranking do Enem 2009. Os colégios de Belford Roxo e Nilópolis são os primeiros, por exemplo, se considerarmos só as escolas estaduais de seus municípios. Isso mostra, de certa forma, por que essas escolas de Ensino Médio Normal / Magistério têm um certo prestígio entre os estudantes. Em uma das entrevistas semi-estruturadas, realizadas antes da aplicação do questionário com quatro alunos das escolas pesquisadas (veja mais sobre isso no item 2.2), uma estudante afirma ter escolhido aquele colégio porque sabia que “ele era bom”, comparado às outras escolas públicas às quais ela teria acesso perto de sua casa. Essa percepção é reforçada ainda pelo fato de que, no ranking de escolas do Estado do Rio de Janeiro a partir dos resultados do Enem 2009, mais uma vez, houve um predomínio absoluto de estabelecimentos particulares entre os primeiros colocados. Das 50 primeiras instituições da lista, 42 eram particulares, sete eram federais e apenas uma, estadual (o Instituto de Aplicação Fernando da Silveira / Cap-Uerj). Já na outra ponta, entre as

50 últimas da lista, apenas duas eram municipais, enquanto as outras 48 eram estaduais. Sendo assim, reforça-se a ideia de que as escolas estaduais de Ensino Médio no Rio de Janeiro não são boas instituições para quem deseja uma educação de qualidade, ao mesmo tempo em que os colégios do estado que oferecem Ensino Médio Normal / Magistério são encarados de outra forma.

Outro ponto importante e que também merece ser destacado, quando tratamos das escolas envolvidas nesta pesquisa, é a formação dos professores que nelas atuam. As próprias instituições não possuem dados consolidados sobre a formação dos docentes divididos pelas séries em que atuam, mas, a partir dos dados do Censo Escolar 2009, obtidos também com o INEP a partir de uma consulta específica feita para esta pesquisa, é possível saber a formação de todos os professores de cada uma das escolas. De acordo com as informações, a grande maioria dos docentes nas instituições que participaram desta pesquisa possui Ensino Superior. A seguir está a tabela com essas informações.

Tabela 2

Instituições / Municípios	Número total de professores	Formação dos professores		
		Ensino Médio Normal	Ensino Médio	Ensino Superior
Rio de Janeiro (Centro)	50	8	-	42
Rio de Janeiro (Jardim Botânico)	57	-	-	57
Rio de Janeiro (Madureira)	85	4	1	84
Rio de Janeiro (Penha)	90	3	1	86
Belford Roxo	53	-	1	52
Duque de Caxias	61	2	-	59
Nilópolis	68	-	-	68
Nova Iguaçu	100	3	1	96
São Gonçalo	104	2	-	102

Fonte: Censo Escolar 2009 – INEP/MEC

A partir deste ponto, ao falar sobre os resultados da pesquisa e das respostas fornecidas pelos alunos entrevistados ou que responderam ao questionário, os nomes dos locais em que ficam as instituições não serão mais explicitados, no sentido mais uma vez de preservar as escolas. Usarei como denominação, para diferenciá-las, apenas as palavras Rio, quando estiver me referindo a alguma escola da cidade do Rio de Janeiro, bem como Met, quando fizer menção a uma instituição que fique no entorno da Capital. Cada escola receberá um numeral específico, portanto elas podem ser chamadas de Rio1, Rio2, Rio3, Rio4, Met1, Met2, Met3, Met4 ou Met5.

2.2 Os jovens

Como uma das estratégias metodológicas deste trabalho, foi definido que, de início, seriam realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas, com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, modalidade Normal, de escolas de realidades distintas, moradores de locais diversos da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios vizinhos. Os alunos do 3º ano foram escolhidos nesta primeira fase exploratória e também para a pesquisa de campo por alguns motivos específicos. Em primeiro lugar, algumas escolas alertaram, quando entrei em contato para agendar as aplicações dos questionários e as entrevistas da fase inicial, para o fato de que as turmas de 4º ano, em certas instituições, poderiam apresentar baixo número de alunos, em consequência da comum evasão que se percebe ao longo de todo o Ensino Médio público. Isso pode ser percebido também analisando dados do Censo Escolar 2009. Comparando o número de matrículas no 3º e no 4º anos em todas as escolas que possuem Ensino Médio Normal / Magistério no Estado do Rio, havia 7.382 estudantes matriculados no último ano desse segmento, contra 8.491 no penúltimo, uma diferença de 1.109 alunos, que podem ter abandonado os estudos ou trocado de escola. Além disso, poderia haver uma quantidade grande de estudantes interessados em prestar vestibular assim que se formassem no Ensino Médio, fato que ficou, posteriormente, comprovado com as entrevistas. Dessa maneira, até mesmo a leitura de jornais e revistas desses estudantes do 4º - e último - ano do Ensino Médio Normal, por

exemplo, poderia estar voltada para esse objetivo, além de seus interesses naquele momento também se encontrarem enviesados.

O objetivo das entrevistas semi-estruturadas, realizadas na fase exploratória, era conhecer a visão e as impressões desses jovens sobre notícia, jornal impresso e sites de notícia, quais são as relações entre suas famílias e seus amigos e a mídia, como suas escolas abordam assuntos ligados à notícia, que tipo de interesse têm sobre a televisão e outros tipos de meio de comunicação e, dessa maneira, obter um material consistente para a formulação dos questionários. Esses mesmos estudantes, em um segundo encontro, realizaram um pré-teste do questionário, antes que ele fosse aplicado nas escolas.

Para Duarte (2004), entrevistas são de extrema importância quando se precisa ou se deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos. Segundo a autora, se forem bem realizadas, as entrevistas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um dos sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que permitem descrever e compreender a lógica das relações que se estabelecem no interior de um grupo, o que, em geral, é mais difícil de se conseguir com outros instrumentos de coleta de dados. Explícito aqui, antes da análise dos resultados das entrevistas, um quadro descritivo dos informantes, privilegiando informações como sexo, idade e como se deram as situações de contato. Os nomes dos entrevistados foram trocados a fim de preservá-los. Todas as conversas foram gravadas, para a posterior transcrição.

A primeira entrevistada foi Beatriz, de 18 anos, aluna do 3º ano do Colégio Rio4¹⁵. O encontro se deu na própria escola, quando a pesquisadora esteve no local para agendar a aplicação dos questionários naquela instituição (veja mais sobre isso no item 2.3.2). Beatriz, assim como todos os outros entrevistados, foi escolhida aleatoriamente entre os alunos do 3º ano que estavam em tempo livre.

A segunda entrevistada foi Isadora, de 17 anos, aluna do 3º ano do Ensino Médio Normal da escola Rio2. A entrevista com a estudante se deu nas mesmas

¹⁵ A fim de não identificar a escola em que estuda o aluno, usaremos as denominações Rio (quando a instituição for da cidade do Rio) ou Met (quando o colégio for de um município vizinho).

condições da anterior, quando a pesquisadora esteve na instituição para conversar com a direção sobre a aplicação dos questionários. A escolha da aluna também foi aleatória entre os estudantes do 3º ano.

A terceira estudante entrevistada foi Luísa, de 17 anos, aluna do 3º ano do Ensino Médio Normal do colégio Met2. A pesquisadora esteve na escola também para conversar com a direção sobre a aplicação dos questionários e perguntou qual dos alunos do 3º ano poderia ser entrevistado, tendo Luísa se mostrado interessada.

O último entrevistado foi Sérgio, de 17 anos, estudante do 3º ano da escola Rio1. Depois de conversar com três meninas, havia a necessidade de uma entrevista com alguém do sexo masculino, pois, mesmo representando uma parcela quase ínfima do número total de alunos, não se pode ignorar sua presença.

As entrevistas, semi-estruturadas, contaram com uma espécie de roteiro, com algumas questões pré-definidas, para que obtivesse as informações que desejava, mas sem a necessidade de me ater somente a elas. De acordo com as respostas e comentários das estudantes, foram abertas outras questões, suscitadas na hora das entrevistas, que pareceram relevantes naquele momento. Todas as conversas começaram com questões genéricas, como a opção pelo Ensino Médio Normal, a escolha da profissão e as escolhas de programas para os momentos de lazer, a fim de estabelecer um primeiro contato amigável e também avaliar quais eram os interesses mais gerais dos entrevistados, que tipo de rotina seguiam, entre outros. Abaixo, seguem as todas as questões que constavam no roteiro original:

Você pretende fazer vestibular? Já sabe que carreira vai escolher? Por quê?

Por que decidiu fazer Ensino Médio Normal?

O que gosta de fazer nas horas vagas?

Você acha que está por dentro das últimas notícias do Brasil e do mundo? Por quê?

O que é estar por dentro das notícias para você? Acha isso importante?

Como é a sua relação com o jornal?

Seus pais leem jornais?

E com revistas? Como é a relação?

Você gosta de assistir à televisão?

Como você faz quando quer saber sobre determinada notícia sobre a qual ouviu falar?

Você acha que tem uma idade certa para estar bem informado?

Você discute sobre notícias com os seus amigos?

Você se lembra agora sobre alguma notícia nos últimos tempos que tenha chamado a sua atenção?

Como seus amigos fazem para se manter informados?

Você discute notícias de jornal ou de revista na escola?

O que faz uma notícia ser interessante para você?

Há, na sua opinião, diferença entre ver uma notícia na TV e ler a mesma notícia no jornal de papel?

Existe, na sua opinião, diferenças entre ler uma notícia no jornal ou ler na internet?

A opção pela estruturação se deu porque a aproximação com jovens parece ser mais fácil dessa maneira. Com o desenrolar das entrevistas e maior interação com os entrevistados, o roteiro foi sendo refeito e reconstruído, para a abordagem de novas questões que foram surgindo.

A transcrição das entrevistas e sua leitura permitiram concluir que havia recorrências nas falas dos estudantes e que uma melhor análise dos resultados – para uma posterior compilação do questionário – resultaria de um detalhamento dessas falas em comum. Há também alguns pontos abordados por apenas um dos entrevistados, mas que, por constituírem fatores relevantes para a confecção do questionário e para a compreensão da relação desses jovens com a notícia, também serão abordados nesta análise. Tais conclusões serão trazidas nas próximas páginas tomando como base os referenciais teóricos de Roger Chartier.

De início, é importante ressaltar que dois dos quatro entrevistados afirmam não saber os motivos que os levaram ao Ensino Médio modalidade Normal. Eles

dizem que não pretendem ser professores no futuro e que talvez estejam nesse tipo de ensino apenas por acaso.

Realmente eu não sei até hoje por que optei por ser normalista. Acho que pelos meus amigos. A maioria deles se inscreveu para cá e eu vim, gostei do colégio, me apeguei e não consegui sair mais. Mas vou prestar vestibular para Publicidade. Talvez eu dê aulas para jovens e adultos quando me formar na escola, mas não vai ser por muito tempo. - **Sérgio, 17 anos**

Eu acho que decidi fazer o Normal porque sabia que o colégio era bom e as opções de colégio perto de casa eram todas ruins. Aí eu vim para cá. Mas pretendo fazer vestibular para Psicologia. Não quero ser professora, você tem que gostar muito disso para seguir essa profissão, não dá para brincar de ser professora sem querer ser, sabe? – **Luísa, 17 anos**

As outras duas entrevistadas dizem que querem dar aulas no futuro. Uma delas, inclusive, por influência da mãe, que também é professora.

Sempre foi meu sonho ser professora. Minha mãe é, e eu via o trabalho dela, as coisas que ela fazia, o interesse dela pelos alunos... Sempre achei um trabalho bonito. Vou prestar vestibular para Letras porque, depois que me formar na faculdade, quero dar aulas para adolescentes, de Língua Portuguesa ou Estrangeira. Até lá, vou trabalhar na Educação Infantil – **Beatriz, 18 anos**

Quando falam especificamente sobre mídia e notícias, a primeira percepção que se tem é que **a informação é valorizada pelos jovens**. Todos os entrevistados disseram, sem muito pensar, que estar “por dentro das notícias” é importante, por motivos diversos. Ainda que três dos quatro entrevistados digam que não leem jornal impresso, ou que não reservam algum tempo do dia para se atualizar com as últimas notícias, pelas suas falas é possível perceber que ter informação é estar inserido no mundo, seja para “saber como conversar com outras pessoas” ou para “se preparar para o vestibular”.

Estar por dentro das notícias é importante para você conversar, para falar com as pessoas, puxar outros assuntos, ter um panorama das coisas. Mal ou bem você mora aqui e tem que saber da realidade das coisas que estão acontecendo – **Luísa, 17 anos**

Estar bem informado, para eles, também significa **saber como se proteger dos perigos** que os cercam, uma vez que moram em cidades consideradas violentas e em um país em que acontecem crimes bárbaros.

Aquela notícia sobre a menina que morreu morta pelo namorado, a Eloá¹⁶... Chocou o colégio todo. Todo mundo só falava nisso e algumas meninas até terminaram seus relacionamentos porque tinham namorados agressivos também. Foi um fato que, além de ter sido chocante, também abriu os olhos de muitas meninas que estavam com namorados que não eram legais, que às vezes as agrediam - **Beatriz, 18 anos**

Saber do que se passa talvez nos alerte para a vida, para algum caso que aconteceu com uma pessoa, ou em uma região da cidade, e a gente saiba por onde andar, como se proteger – **Luísa, 17 anos**

Um dado semelhante a esse foi obtido em minha pesquisa de Mestrado (Fischberg, 2007) e pela pesquisa “Crianças, televisão e valores morais”¹⁷ realizada pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (Grupem), da PUC-Rio. Para a dissertação de Mestrado, foram feitas oficinas com crianças de 10 a 12 anos para compreender de que modo liam jornais e revistas voltados para pessoas de sua idade, e os meninos e meninas afirmavam que, apesar de o tema “violência” ser “assustador” e de eles frequentemente associarem as notícias que liam nos jornais a essa temática, fazendo desse meio de comunicação algo pouco agradável de se acompanhar, era importante saber o que se passava ao seu redor pela necessidade de se proteger. “*Eu acho que criança também tem que ler para saber como se proteger. Tem muita criança sendo sequestrada por aí...*” (Fischberg, 2007, p. 67), afirmou uma das alunas (12 anos), de uma escola pública, que participou da pesquisa. No estudo feito pelo Grupem, cujo principal objetivo era investigar como as crianças davam sentido ao que viam pela televisão, os participantes diziam viver um conflito quando o assunto tratado eram os telejornais, pois vivenciavam o mal estar que o saber sobre a violência apresentada pelo programa provocava nelas e a necessidade de estarem informadas sobre o acontecia ao seu redor. De acordo com os dados desse

¹⁶ Eloá Cristina Pimentel tinha 15 anos quando, em 2008, foi sequestrada e mantida em cárcere privado por quase uma semana, pelo seu namorado Lindemberg Fernandes Alves, de 22 anos, em São Paulo. Ao fim do sequestro, que foi amplamente televisionado, a adolescente morreu baleada. Fonte: www.g1.com.br. Acesso em 06/09/2010

¹⁷ Os resultados foram publicados no livro “A televisão pelo olhar das crianças” (Duarte, 2008).

trabalho, as crianças demonstravam que era preciso ter conhecimento dos perigos do mundo para deles se proteger, assim como os jovens entrevistados neste primeiro momento desta tese.

Em seguida, a informação mais relevante a ser ressaltada, por ter sido até mesmo uma resposta comum a três dos entrevistados, é que **as notícias são sempre recebidas ou procuradas na internet**. A rede é a maior fonte de informações para esses jovens, e a maneira como têm acesso às notícias do Brasil e do mundo através dela é bastante parecida.

Vou direto na internet, no Google. Digito lá alguma palavra chave do que estou procurando e o site me encaminha. Só vou para onde o Google me leva e eu nem sei te dizer quais são os sites de notícia que eu leio a partir daí – **Sérgio , 17 anos**

O Google serve para tudo, tanto para pesquisas escolares, quanto para buscar uma informação. É lá que eu encontro tudo que eu quero, da maneira mais rápida e direta possível – **Beatriz, 18 anos**

Sérgio mostra como funciona a relação entre os jovens e a internet quando tratamos do jornalismo na *web*. O Google, mais até que os próprios sites de notícia, serve para se manter informado. Além dele, na busca por informações, são também citadas as “páginas iniciais” dos computadores dos entrevistados, ou seja, a primeira página a que os jovens têm acesso assim que abrem seu navegador para utilizar a internet que, em muitos casos, são o site de notícias do MSN (compartilhador de mensagens instantâneas) e a Globo.com (portal de entretenimento e notícias da Rede Globo). Vendo algo de interessante nessas *home pages*, quando elas surgem em sua frente, o clique do mouse sobre notícia que para esse jovem pareceu relevante é inevitável, dizem os entrevistados. Sobre o que é relevante ou interessante, isso pode variar muito de jovem para jovem, dependendo unicamente de seus gostos e interesses pessoais.

Eu gosto de moda, música e TV. Tenho que me manter informado sobre essas áreas até porque pretendo ser publicitário. – **Sérgio, 17 anos.**

Para Chartier¹⁸, o aspecto fragmentário da internet pode acabar com todo um projeto editorial dos jornais impressos. O Google, site de buscas mais utilizado pelos jovens entrevistados, é sem dúvida a maior fonte de informações para eles. É através dele que os jovens buscam as notícias sobre as quais querem saber, sendo direcionados para as mais diversas páginas, de sites dos próprios jornais a blogs, passando por páginas só de notícias a sites pessoais. Os entrevistados digitam no campo de busca o assunto sobre o qual ouviram falar e, assim, têm acesso a mais informações sobre ele. Além disso, atestam que seus amigos se utilizam do mesmo recurso. A textualidade eletrônica substitui, aqui, todo e qualquer impresso, rompendo com a materialidade que possuem esses veículos no papel. Quando Chartier explicita que a percepção da cultura escrita e impressa se baseia em diferenças visíveis entre os objetos, isso se aplica ao entendimento que temos quando manuseamos um jornal, uma revista, um folheto, um pasquim. Ler uma notícia em um jornal impresso, por exemplo, já traz, de antemão, antes mesmo de darmos início à leitura, por termos um conhecimento prévio sobre aquele veículo, informações como para quem ele é direcionado, sobre que outros temas trata, que destaque dá para determinadas notícias em detrimento de outras. Temos, a partir do impresso, noção de sua identidade e de sua coerência textual. Isso certamente desaparece quando o acesso à informação é através de um site de buscas, que leva o internauta diretamente para a informação que procurou.

Não sei te dizer se meus amigos, por exemplo, estão por dentro das notícias. Acho que eles só procuram ver aquilo que interessa, aquilo de que gostam. E hoje as pessoas da minha idade estão procurando ver mais sobre futebol. É só sobre isso que eles querem saber. - **Isadora, 17 anos**

A fala de Isadora evidencia outro aspecto relevante sobre a revolução digital a que se refere Chartier (1998), quando ele fala sobre a liberdade do leitor eletrônico, nos dias de hoje. Quando ela diz **“eles só procuram ver aquilo que interessa”**, assim como alguns dos outros jovens entrevistados também afirmaram, demonstra que a internet só impulsiona os jovens nesse sentido, pois eles não precisam nem ao

¹⁸ Dados contidos em entrevista concedida ao repórter André Miranda em 20/02/2010, para projeto especial do jornal “O Globo”. A reportagem se encontra em anexo.

menos estabelecer uma relação corporal com o que leem. Apenas clicam aqui e ali, sem precisar passar fisicamente por páginas e páginas, folhear um impresso, antes de chegar à informação que desejam alcançar. Sua seleção é mais rápida, de certa forma mais impiedosa, e é fruto de uma nova era marcada pela revolução tecnológica, por um comportamento muito parecido com o ato de *zappear*.

Não costumo navegar por sites de notícias. Só quando o Google me leva para algum deles. Mas não sei te dizer quais são exatamente. É esporádico – **Luísa, 17 anos**

Sarlo (2006) faz importantes considerações sobre o *zapping* e sobre como essa nova forma de agir, surgida com a televisão, modifica o comportamento dos jovens sobre outros meios de comunicação e, também, em suas vidas. O *zappear* nasceu com o controle remoto da TV, quando esse instrumento passou a permitir aos espectadores que mudassem de canal sem ao menos terem que se levantar da cadeira, em uma nova ótica marcada pela rapidez e pela fragmentação. Nasce, aí, a verdadeira liberdade do espectador, como se ele estivesse “*percorrendo um shopping center a bordo de um ônibus espacial atômico*” (Sarlo, 2006, p. 59). Para a autora, o *zapping* ultrapassou os limites de um comportamento que existia somente diante da TV e ganhou a dimensão de um comportamento geral, trazendo uma predileção pelo que tem curta duração, pelo ato de se chegar exatamente aonde está o que realmente interessa ao sujeito, da maneira mais rápida, sem tropeços. Na internet, isso se dá por meio dos links, através dos quais os jovens se transportam de uma página para outra, de um texto para outro, com uma velocidade nunca antes imaginada. Por saberem e conhecerem esse novo *modus operandi* das novas gerações, as empresas de comunicação se antecipam e conectam suas páginas aos programas mais utilizados pelos jovens na internet, como o programa de compartilhamento de informações e conversas instantâneas MSN. Pelo que explicam os jovens, há uma página de notícias que é aberta automaticamente junto com o programa, sendo, então, uma das mais lidas por eles, servindo de referência para as notícias às quais têm acesso.

Todos os quatro entrevistados foram unânimes em afirmar que **não há uma idade certa para se manter por dentro das notícias**, do que vem acontecendo no

Brasil e no mundo. Dizem que uma idade certa para se manter informado é coisa do passado, quando nem todos tinham acesso à informação.

Não existe mais essa coisa de idade certa. Eu acho que até as crianças sabem de tudo. Eu vou para o estágio e vejo as crianças falando das coisas, do BBB, dos programas, da novela. Então não tem idade, todo mundo pode e deve ficar sabendo das coisas - **Luísa, 17 anos**

Uma das entrevistadas também afirmou que, **na internet, as notícias podem não ser tão confiáveis**. Ela explica isso pelo fato de a internet dar liberdade a qualquer um para escrever sobre o que quiser, sem compromisso, e também porque o que é divulgado poder ser apagado ou substituído rapidamente, sem que muitos percebam.

Tem vezes que as notícias saem erradas na internet e, como é fácil consertar, é imediato. Eles fazem isso e muita gente nem percebe. Mas tem muita informação errada por aí, por isso que dizem que na internet a gente precisa consultar várias fontes – **Beatriz, 18 anos**

Quando manuscrito e impresso disputavam espaço, logo após a invenção da prensa por Gutenberg, do século XV ao XVII, a questão das notícias falsas ou verdadeiras, confiáveis ou não, também fazia parte das discussões comuns. Na peça “Staples of the news”, do século XVII, analisada por Chartier (2007) em “Inscrever e apagar”, o tema da autenticidade e da falsidade das informações repassadas ao grande público é objeto central de diversos diálogos. “*É a impressão que faz com que as notícias sejam verdadeiramente notícias para o maior número, que não acredita em nada que não seja impresso*” (p. 140), revela uma das falas transcritas por Chartier. E são numerosos os exemplos dessa crença, que se perpetua até hoje. Em outras peças daquela mesma época, a fé cega nas gazetas impressas mostra pessoas acreditando, de fato, em situações inusitadas, como a de um avaro que deu à luz vinte sacos de moedas (p. 141). De certa forma, a contraposição entre o eletrônico e o impresso parece ter substituído a rivalidade entre o impresso e o manuscrito, mais uma vez com a vantagem pendendo para o impresso.

Para Soares (2002), em certos aspectos essenciais, a nova cultura do texto eletrônico traz de volta características da cultura do texto manuscrito, pois, assim

como o texto manuscrito, e ao contrário do impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Bem como os *copistas*, que fazem revisão de texto, os leitores de hipertextos também podem interferir no escrito, definir seus próprios caminhos de leitura, ou até mesmo alterar e acrescentar. Pela falta de estabilidade, o texto eletrônico é fugaz e é também pouco controlado, já que é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido.

Não por acaso, Beatriz, a única a dar essa resposta sobre os problemas que surgem com as notícias divulgadas na internet, é também a única a dizer que lê jornais impressos todos os dias, em casa, e que é viciada em “saber das notícias”.

Nas horas vagas, por exemplo, eu adoro escutar música e ler jornais. Gosto de ficar atendida, principalmente sobre o que acontece na área de educação – **Beatriz, 18 anos**

Desta forma, o jornal, para essa entrevistada, que é leitora de impressos, tem mais credibilidade. Analisando o que demonstra Chartier (2007) a partir da história da leitura, isso não se deve só a uma credibilidade construída ao longo dos anos, pois ela vem já de antemão, quando o impresso ainda é novidade no mundo ocidental. Parece que, pelo fato de que o que está impresso não poder ser apagado e por esse impresso ser distribuído para um grande número de pessoas, é difícil desconfiar dele. Outro argumento para a credibilidade dos jornais de papel poderia estar na percepção de que esse objeto pertence, na maioria das famílias, ao pai e à mãe, chefes daquele núcleo.

Nas entrevistas realizadas, os quatro jovens afirmaram que **o impresso diário é sempre lido por seus pais ou por suas mães.**

Minha mãe lê muito, não só jornais, mas de tudo um pouco. É um costume dela, meu pai lê muito também. Tenho jornal quase sempre aqui em casa. – **Isadora, 17 anos**

Meu pai lê (*diz com ênfase*). Gosta do Extra, do Meia Hora, todos os dias eu sei que vou chegar em casa e o jornal vai estar lá. Ele deixa em cima da mesa de noite para quem quiser ver. – **Luísa, 17 anos**

Segundo Chartier (2003), no século XVIII, na sociedade patriarcal francesa, a leitura coletiva, muitas vezes relacionada aos mais pobres que não sabiam ler – ou sabiam bem pouco –, não deixou de ser realizada entre as elites. Mesmo com a grande quantidade de impressos que já existiam naquele momento e que possibilitaram o surgimento de uma leitura individual e silenciosa, era comum ver pais lendo com filhos, muitas vezes o mesmo texto. “*Passei um tempo considerável com meu filho, lendo grego e algumas odes de Horácio. Fiz o mesmo hoje*” (Chartier, 2003, p. 225) é o que está escrito em uma carta datada de 1728 e reproduzida pelo autor. Na intimidade da maioria, o impresso penetra, mobiliza afetividades, fixa a memória, guia as práticas.

Ainda assim, **somente a prática do pai ou da mãe de ler o jornal impresso todo dia de manhã não é suficiente** para fazer com que alguns jovens cultivem esse mesmo ritual.

Mas ver os meus pais lendo jornais não me faz ter mais vontade de ler, não. Eu só vou pegar o jornal se eu de verdade me interessar por alguma coisa que está ali. E isso nem sempre acontece. – **Isadora, 17 anos**

O livro, seja ele qual for, uma vez escrito e saído das prensas, está suscetível a uma multiplicidade de usos (Chartier, 2003). Ele é, claro, feito para ser lido, mas o que o leva a ser consumido e as modalidades de ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares e os ambientes. Durante muito tempo, a sociologia que mapeou uma distribuição desigual do impresso mascarou a pluralidade de usos e fez esquecer que ele é sempre tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dão sentido.

A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade. (Chartier, 2003, p. 173)

Se o jornal não é lido pela maioria dos jovens entrevistados, isso não quer dizer que os impressos, de forma geral, estejam fora das práticas de leitura desses normalistas.

Eu sempre dou um jeito de ler a Vogue, ou qualquer outra revista de moda. Compro revistas antigas também, porque saem mais barato que as novas, e, ainda assim, eu consigo me atualizar – **Sérgio, 17 anos**

Eu leio muito a Capricho. E gosto demais da Rolling Stone, mas é cara... São R\$ 11 muito suados, que eu pago mesmo, porque sei que ali só vou encontrar coisas que me interessam. Então acaba sendo um dinheiro bem gasto – **Luísa, 17 anos**

As revistas parecem ter um apelo bem maior que os jornais com a juventude por motivos diversos. Possuem um formato mais “amigável”, são inteiramente coloridas e vêm, nos últimos tempos, experimentando uma linguagem bem próxima àquela utilizada pela internet. Nesse sentido, poucos jornais vêm tendo sucesso. Segmentadas e muitas vezes com textos fragmentados, as revistas citadas pelos entrevistados podem ser colocadas em um patamar que fica entre o jornal (endurecido pelos textos mais longos e pela pouca fragmentação), exceto no caso das publicações mais populares, voltadas para as classes C e D, e a internet (com uma linguagem mais solta, mais descontínua e totalmente em cores). A cultura imagética na qual estamos mergulhadas pode explicar essa preferência.

Por serem amadas, **as revistas também são disputadas ou lidas coletivamente** no interior das escolas.

As meninas lá da escola vivem trocando Capricho, Atrevida, Toda Teen. É a maior algazarra, fica todo mundo lendo ao mesmo tempo, parece festa – **Isadora, 17 anos**

Da mesma forma que o pai lê com o filho, em pleno século XVIII, Chartier (2003) mostra que amigos também faziam uso dessa prática. “*Entre amigos, igualmente, as leituras paralelas são um prazer, já que em seguida elas alimentam o intercâmbio erudito*” (p. 225). Mais à frente, ele transcreve uma frase retirada de uma carta:

Cheinet passou por aqui ontem depois do jantar e ceou comigo. Lemos algumas cartas de Cícero e lamentamos a ignorância pública, quero dizer o pouco gosto de nossos jovens que se divertem lendo livros novos, frequentemente frívolos e superficiais, e desprezam os grandes modelos. (Chartier, 2003, p. 225)

A leitura entre amigos serve para trocar ou marcar posições, como uma espécie de mediação pós-leitura, necessária para adultos, mas principalmente para jovens, ainda em uma fase escolar. Já sobre o uso das notícias em sala de aula ou na escola, de modo geral, as falas dos entrevistados variaram, mas percebe-se, por elas, uma falta de estrutura das instituições de ensino para a mídia. Não há uma organização sobre como jornais e sites de notícia são utilizados, ou seja, não há um planejamento acerca do assunto.

Meus professores não trabalham com nada em relação à mídia. Nada, nada, nada. O que fazem de cultural é só levar a gente para peça de teatro e tal. A única vez em que uma professora comentou sobre uma notícia foi um caso grave, em que ela mesma tinha perdido toda a família na última enchente em Niterói. Aí ela contou dos últimos acontecimentos na sala, trouxe umas reportagens, queria nossa ajuda para mandar cartas para a imprensa. Mas foi uma exceção – **Isadora, 17 anos**

Depende muito da disciplina, mas acho que, em geral, isso não é muito pensado. Tem professor que traz notícias, tem vezes em que a gente assiste a alguma coisa na TV, temos computadores aqui na escola. Mas não sei te dizer a frequência com que essas atividades acontecem. – **Sérgio, 17 anos**

As escolas, de fato, parecem ainda não ter um plano concreto de como educar para as mídias. Esse dado ficará mais claro nos próximos capítulos, na análise dos questionários respondidos pelos jovens.

2.3 A pesquisa: da formulação do questionário à sua aplicação

2.3.1 O questionário

Algumas questões levantadas nas entrevistas foram cruciais para a formulação do questionário. Em primeiro lugar, decidi, a partir delas, que esse instrumento seria dividido nos seguintes seis blocos: preferências; online; família e amigos; escola; opinião; dados sócio-econômicos. Mostrou-se necessário, acima de tudo, ter mais informações sobre o uso da mídia na escola, uma vez que, pela fala dos entrevistados, havia indícios de que jornais e sites de notícias não são, normalmente, usados como

ferramentas em sala de aula. Além disso, era preciso explicitar também de que forma eles eram usados, pelo menos na visão dos alunos.

Levando-se em consideração o questionário desde o início, percebe-se que ele tem uma introdução bem parecida com a da entrevista semi-estruturada, como uma espécie de aproximação sutil com os entrevistados. Antes de tentar saber o que eles pensam ou acham sobre determinado assunto, parece mais acolhedor perguntar como eles são, quais são seus gostos, suas vontades, suas características, o que pretendem fazer da vida em termos de carreira, entre outros. De fato, durante a aplicação do questionário, ficou claro que os estudantes ficavam satisfeitos em ver que alguém se interessava por suas questões pessoais. Assim, o primeiro bloco de perguntas se concentra em questões sobre estar ou não por dentro das notícias, que tipo de notícia mais lhes agrada, onde buscam a notícia sobre a qual gostariam saber, se leem jornais impressos, que jornais leem, entre outros.

Já no segundo bloco, as questões recaem sobre os veículos online. Várias questões foram dedicadas ao assunto pelo peso que a internet mostrou ter nas entrevistas semi-estruturadas. A rede, como principal meio de busca sobre o que se quer saber, mostra que há uma nova ordem por parte daqueles que hoje são os consumidores da notícia, se considerarmos, principalmente, sua faixa etária. Não há jovens comprando jornal, mas há jovens que passam o dia todo em frente ao computador, conectados à internet. Além da internet, nesse segundo bloco também é abordada a relação dos alunos com outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão.

No terceiro bloco, falamos especificamente de amigos e família porque essas são duas instâncias, além da escola, que fazem papel de mediadoras sobre as práticas de leitura desses jovens. Isso ficou evidenciado, principalmente, a partir das entrevistas. Nas conversas iniciais com os jovens, ficou claro que os pais (tanto o pai, quanto a mãe), muitas vezes procuravam incentivar a leitura dos filhos, deixando o jornal em cima da mesa à noite, comentando uma notícia interessante. O mesmo pode não acontecer tão explicitamente com os amigos, mas a troca de informações entre eles na escola e até mesmo o fato de dividirem jornais e revistas no colégio mostra que pode haver, aí, uma relação na hora de escolher ler ou não jornais ou sites de

notícia. Assim, as perguntas são diretas sobre a leitura de jornais e sites por parte dos pais e amigos dos entrevistados, para que esses mesmos dados pudessem ser cruzados, em um momento posterior.

Em seguida, no quarto bloco de questões, o foco se volta totalmente para a escola, já que um dos objetivos desta tese é entender não só de que maneira as instituições de ensino podem influenciar a leitura de seus alunos, mas também se estão preparadas para o uso da mídia, dos jornais e dos sites de notícia, em seu dia a dia, e o que pensam os alunos acerca do assunto.

No penúltimo bloco, todas as questões são abertas, pois o objetivo era saber as opiniões dos estudantes sem nenhuma espécie de filtro, muitas vezes imposto pelas perguntas de caráter fechado. As questões giravam em torno das diferenças entre ter acesso à notícia em diferentes meios de comunicação e se os jornais e os sites conseguem estabelecer um diálogo com os jovens de sua faixa etária, em termos do que apresentam ao público, como se aproximam dele, entre outros.

Finalmente, na última parte, que trata dos dados sócio-econômicos, elaboradas com base em perguntas feitas na aplicação de um questionário vinculado ao Enem 2009, pelo MEC. Algumas questões relevantes como sexo, idade, raça, acesso aos meios de comunicação em casa, renda familiar e escolaridade dos pais fizeram parte desse grupo de questões.

O questionário completo, cujo pré-teste foi realizado com os quatro estudantes entrevistados no primeiro momento desta pesquisa, está anexado a esta tese.

2.3.2 O processo de aplicação dos questionários

Para aplicar o questionário nas escolas, entrei em contato, primeiramente, com a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, para explicar do que se tratava a pesquisa e meus objetivos com o trabalho. Fui muito bem atendida e o próprio órgão, prontamente, me passou os telefones e endereços das escolas que solicitei, tendo avisado anteriormente às suas direções sobre minha requisição. Em todas as instituições, depois de conversar com os coordenadores de cada uma delas, era avisada sobre os melhores horários para aplicar os questionários em cada colégio e

que professores poderiam ceder parte de suas aulas para isso. Assim, foram as próprias escolas que determinaram quais seriam as turmas de 3º ano que responderiam aos questionários, apenas com um pedido meu de que essa escolha não fosse feita a partir de dados como melhor rendimento/melhores notas da classe em relação às outras turmas, ou quaisquer outras diferenciações dessa natureza. Além disso, deixava claro que seria importante que essas turmas tivessem o número médio de alunos comum naquela escola, que não estivessem mais vazias ou cheias do que de costume, e que estivessem em um período tranquilo para responder ao questionário, sem, por exemplo, terem provas marcadas para o tempo seguinte ou estarem perto de seu horário de saída da escola. Acreditava que, dessa maneira, poderia ter um interesse razoável por parte dos estudantes para com esse instrumento de pesquisa, sem restrições de nenhuma ordem. Estive pessoalmente também em quatro dessas escolas, antes do dia da aplicação, para a realização das entrevistas semi-estruturadas com quatro estudantes, fundamental ainda para a elaboração do questionário (veja mais no item 2.2).

O questionário foi enviado anteriormente para todas as instituições, sempre por e-mail. Informei a todas as escolas que os alunos não seriam identificados e responderiam às questões de forma anônima, principalmente por conta das questões de ordem sócio-econômica.

Já de início, tendo que me deslocar até cada uma dessas instituições por meio de transporte público, de trem, metrô ou ônibus, pude vivenciar o que acredito ser um pouco da rotina desses estudantes e o que viria a ser uma experiência completamente nova para mim. Chegando perto fisicamente dos locais em que moram e estudam os jovens que participaram desta pesquisa, pude tentar entender pelo menos um pouco dos interesses que eles manifestam sobre o que está ao seu redor, o que fazem para se distrair enquanto estão fora da escola - mais especificamente em seu entorno ou no meio de transporte que utilizam para se locomover -, o que há de interessante em termos de atividades culturais em seus bairros, entre outros.

O trem, meio de transporte utilizado por muitos jovens de alguns municípios da Região Metropolitana e de bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde não há acesso a metrô e onde pegar ônibus significa levar mais tempo para se chegar ao

destino desejado, foi o primeiro espaço de observação, bastante novo e rico para mim. A interação entre os passageiros parece ser bem maior que nos meios de transporte utilizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, onde não há estações de trem. É um local em que se vende de tudo, nos próprios vagões, de materiais escolares a balas, bebidas, objetos de limpeza e higiene; onde as pessoas costumam conversar com estranhos com maior facilidade e vontade; em que celular é objeto de uso da maioria dos passageiros não só para telefonar, mas também para escutar música, ouvir rádio, trocar mensagens e acessar a internet.

Para além de todas essas observações sobre uma interação à qual não estou acostumada, em que a prática de dar uma pequena ajuda financeira a quem pede esmola é corriqueira, assim como é comum alguém sentado se oferecer para segurar os objetos de quem está de pé, foi possível perceber também o quanto a imprensa, naquele ambiente, faz-se presente. O trem é local de muita leitura, principalmente dos jornais rápidos, voltados para as classes C e D, cujos nomes sugerem esse consumo acelerado, como “Meia Hora” e “Expresso” (jornais populares publicados no Estado do Rio de Janeiro). Eles são vendidos tanto nas estações como nos próprios vagões e também são deixados nos bancos por quem acaba de ler, criando uma espécie de revezamento da leitura, por pessoas desconhecidas umas das outras. Não é raro também ver que, enquanto alguém abre o jornal para iniciar sua leitura, um passageiro vizinho aproveita para passar os olhos pelas páginas do impresso. Dessa forma, como poderá ser visto com mais detalhes à frente (capítulo 3), na análise do que falam os jovens pesquisados sobre o que leem e como leem, não é de se estranhar que eles afirmem, em sua maioria, acompanhar mais de um jornal, às vezes até três, pois o acesso a esses meios de comunicação também se dá nos meios de transporte, onde as possibilidades são muitas e múltiplas.

Após ter percebido esse modo particular de ler jornais, em uma das idas a uma escola da Zona Norte do Rio, comprei um desses jornais de leitura rápida para compreender a que tipo de informação teria acesso naquele contexto. Apesar de conhecer bem esses jornais e suas estruturas, o fato de lê-los em um transporte público, onde é necessário ficar alerta aos pontos de parada; estar preparado para a hora de desembarcar (já que não há trânsito e é possível saber de antemão em quanto

tempo se chegará ao destino); acostumar-se aos barulhos ao redor, que são muitos, incluindo conversas paralelas e solicitações de outras pessoas, como pedintes, é uma outra forma de leitura. De fato, lê-se principalmente o que o próprio jornal impõe ao leitor como mais importante. O pouco tempo, as sacudidas do trem – que nunca, em momento algum, desliza suavemente pelos trilhos -, as solicitações e o barulho dificultam a concentração e em nada facilitam a possibilidade de encontrar, naqueles impressos, algo que possa verdadeiramente interessar ao leitor como indivíduo e não como coletivo. O modo com que se lê então é quase que mecânico: parte-se das chamadas das primeiras páginas diretamente para suas respectivas reportagens e que, muitas vezes, não são exatamente como suas manchetes dão a entender na primeira página. Fica explícito o sensacionalismo, talvez necessário, na visão das empresas que editam esses jornais, para vencer na disputa da venda na banca de jornal.

Programei chegar a todas as escolas em que foram aplicados os questionários com pelo menos meia hora de antecedência, para também observar, ainda nos arredores, no portão ou no pátio, sempre que possível, de onde vinham e como se locomoviam os estudantes de cada instituição. É fácil perceber quando estamos nos aproximando de uma escola de Ensino Médio Normal, pelas estudantes de saias azuis e camisa de botão - o tradicional uniforme das normalistas - caminhando pelo local. Isso também faz com que o colégio seja conhecido por quem mora ou frequenta a região: em todas as vezes que parei para pedir informações sobre a localização dos colégios, fui prontamente atendida pelas pessoas na rua, que muitas vezes se referiam às instituições como “a escola das normalistas”. Os próprios passageiros dos trens que desembarcavam nos mesmos pontos que eu sabia indicar para que lado ficava o colégio que eu procurava.

A relação entre os estudantes e seus uniformes, no entanto, varia muito de uma instituição para outra. Em algumas delas, há um controle maior sobre o comprimento das saias, a proibição do uso das calças jeans, a atenção aos botões das camisas e outros detalhes. Normalmente esse controle fica sob a responsabilidade do porteiro ou dos inspetores. Em uma das escolas de um município próximo à cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, antes de chegarem às salas de aula, as alunas tinham que passar por um estreito corredor, onde uma funcionária do colégio conferia se o

uniforme “estava em ordem”, chamando sempre a atenção quando notava que algo não estava dentro da norma. Em uma escola da Capital, presenciei o momento em que uma estudante foi mandada de volta para casa, pois vestia calça jeans e já havia sido repreendida anteriormente sobre essa questão. Já em outros colégios, não havia exigência nenhuma quanto ao uniforme e era possível até nem reconhecer algumas das alunas como normalistas, por estarem de jeans e casacos.

Apenas pela observação desses rituais quanto ao uso dos uniformes, consegui perceber que talvez houvesse uma relação entre isso e a maneira com que os alunos se comportavam no pátio e no momento da aplicação dos questionários. Nas escolas com menos rigor com uniformes, havia mais alunos fora de sala, sem que eu conseguisse entender por que motivo não estavam estudando naqueles momentos específicos; a dificuldade em aplicar o questionário era maior; havia mais alunos faltosos. Ao entrar em uma das salas de uma escola que não era tão rigorosa com o uniforme, fora da Capital, percebi que, em um dos cantos do local, algumas estudantes estavam reunidas passando prancha alisadora nos cabelos umas das outras, enquanto meninos ouviam música. Essa mesma observação serve também para o aspecto e o cuidado da própria escola e dos alunos com o espaço ali compartilhado, no pátio, nos murais dos corredores e nos murais das salas de aula. Duas escolas, uma da Capital e outra de uma cidade vizinha, cujos alunos andavam de calça jeans e sem que a camisa dos uniformes estivesse abotoada, tinham também murais danificados, pichados ou até mesmo sem nenhum tipo de material.

A questão do mural também merece atenção: na maioria das escolas, mais especificamente em sete delas, constatei que havia jornal-mural. Mas, em apenas uma delas, o jornal-mural era feito com notícias escritas pelos próprios alunos e organizadas naquele espaço por eles próprios, e não só com informações retiradas e descontextualizadas da grande imprensa.

Na maioria das escolas pesquisadas, pude perceber também que, mesmo em horário de aula, havia alunos no pátio, por causa dos tempos livres, consequência da falta de professores naqueles horários. Em cinco dos nove colégios, inclusive, os questionários foram aplicados em turmas que estavam sem aula naqueles momentos,

pois algum docente havia faltado. Segundo os alunos, em conversas informais, isso é algo corriqueiro nessas escolas, assim como em outras instituições públicas.

Outro aspecto que chama bastante atenção logo na entrada dessas instituições é o valor que suas direções dão ao vestibular e aos alunos do ano anterior que conseguiram uma vaga em alguma universidade, principalmente em instituições públicas, para onde, normalmente, é mais difícil de passar. Em seis das nove escolas, encontrei murais com fotos de alunos cujas identificações traziam nome, curso e universidade em que conseguiram vaga no último concurso; faixas parabenizando esses estudantes; ou informes especiais com os percentuais de aprovados nos concursos anteriores e incentivo aos alunos do último ano para que também trilhassem pelo mesmo caminho. Mais à frente (capítulo 3) será possível perceber que essas estratégias certamente surtem o efeito esperado, pois a maioria dos alunos afirma que vai tentar vestibular e que sonha com uma vaga no Ensino Superior, algumas vezes até para áreas que não são próximas do magistério.

A aplicação dos questionários foi feita nas próprias escolas, em período de aula, sempre com a minha presença em cada turma. Em todas as instituições os estudantes levaram, em média, uma hora para responder a todas as questões. Adotei a mesma dinâmica em todas as turmas, explicando, de início, quem eu era, de que instituição vinha, do que se tratava minha pesquisa, a importância dos questionários para o meu trabalho e solicitando que não deixassem questões em branco, que prestassem atenção aos enunciados de cada uma delas, pois em algumas só poderiam marcar uma alternativa, e que não colocassem nome ou qualquer outro tipo de identificação. Um fato curioso é que, nesse momento, o da minha apresentação, o mesmo tipo de intervenção se repetiu tanto em escolas da Capital, quanto em colégios das demais cidades. Muitos estudantes, ainda intrigados com a minha presença, perguntavam se eu era, então, professora. Ao responder que estava fazendo o Doutorado em Educação, mas que minha formação inicial e minha atuação profissional por muitos anos se deram no campo do Jornalismo, o interesse deles por mim aumentava consideravelmente. Nenhum estudante me perguntou como se fazia, por exemplo, para conseguir uma vaga em um curso de pós-graduação na área de Educação, mas muitos queriam saber como se fazia para “virar jornalista”, como era a

rotina do meu trabalho, por que jornais, televisões ou revistas passei, se já havia entrevistado “algum famoso”. Registrei que isso aconteceu em todas as escolas da capital e em duas de outros dois municípios. Isso me fez pensar que talvez a prática docente não seja mais tão estimulante ou desejada por esses alunos e que talvez eles até se identifiquem mais com a mídia do que com a própria escola ou com a universidade e o meio acadêmico. Outro dado importante é que nenhum estudante me perguntou também como poderia ter acesso aos dados que eu estava coletando e pouco deram atenção quando eu disse que essas informações poderiam ser disponibilizadas depois da defesa da minha tese.

Durante todo o tempo da aplicação, caminhava entre as carteiras e tirava as dúvidas que surgiam. Uma delas, em particular, chamou minha atenção, pois se repetiu em algumas turmas e não surgiu durante o pré-teste do questionário. Muitos alunos não entendiam o que queria dizer “jornal impresso” e achavam que ele poderia estar relacionado ao jornal Expresso, publicado pela Infoglobo, empresa que também edita os jornais Globo e Extra, e que tem alguma penetração junto ao público das camadas C e D, principalmente nos trens, como expliquei anteriormente.

As outras dúvidas que surgiram nesse momento estavam relacionadas, principalmente, à questão 6 do questionário, que continha a pergunta “*Por que tipo de notícia você mais se interessa?*”. Muitos alunos não sabiam como escolher apenas uma alternativa, pois diziam se interessar não só por um, mas por vários dos temas ali abordados. “*É muito difícil, eu me interesso por tudo isso, moda, educação, notícias internacionais... E até por um pouco mais*”, afirmou uma aluna da escola Met2. Para outra estudante, da Rio2, escolher apenas uma alternativa lhe parecia uma “verdadeira tortura”, pois não achava justo ter que deixar algo importante para ela de fora. Eu explicava que seria melhor desse jeito para que eu pudesse tentar captar o que realmente interessava a eles quando elencavam suas preferências, mas que compreendia que uma só pessoa pode realmente se interessar por assuntos das mais variadas áreas. De qualquer forma, como poderá ser visto nos capítulos 3 e 5, são raríssimos os casos de estudantes que dizem se interessar por temas como Política e Economia. Quando eles afirmam que se interessam por tudo, esse tudo não engloba todas as opções.

A aplicação dos questionários também gerou discussões interessantes entre os estudantes, que queriam saber uns dos outros se realmente acompanhavam jornais e revistas, debatiam notícias que haviam lido naquela semana ou que tiveram grande repercussão nacional, como o caso da menina Isabella Nardoni¹⁹ ou a escolha do Rio de Janeiro para sediar grandes eventos esportivos. É possível perceber que entre eles há uma vontade de falar sobre a mídia e que eles se interessam pelo assunto.

Ao final da aplicação, quando recebia os questionários de volta, olhava um a um e pedia, aos que haviam esquecido de responder alguma questão, que completassem o que faltava. Isso explica o motivo de, em algumas questões, não haver nenhuma resposta em branco. Em nenhuma das escolas os alunos se recusaram a completar o questionário. Apenas em uma instituição, na Capital, Rio1, senti uma grande resistência dos alunos à atividade, uma vez que queriam ser logo liberados para irem embora e por acharem o questionário muito extenso. Obtive, assim, um total de 253 questionários respondidos. A tabela com a quantidade de questionários aplicados em cada escola pesquisada segue na próxima página.

¹⁹ O caso Isabella Nardoni se refere à morte de Isabella de Oliveira Nardoni, de 5 anos, jogada do sexto andar do edifício onde morava seu pai, em 2008. O caso gerou grande repercussão, pois Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta da menina, foram acusados e condenados pelo crime. Fonte: www.g1.com.br Acesso em 02/10/2010

Tabela 3

Escola	Questionários respondidos
Rio1	20
Rio2	31
Rio3	31
Rio4	15
Met1	33
Met2	27
Met3	24
Met4	39
Met5	33

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores” (Fischberg, 2011)